

Estoril Political Forum 2016
Sessão de Abertura
Dr. Carlos Carreiras
Presidente de Camara Municipal de Cascais

Senhora Reitora da Universidade Católica Portuguesa, Professora Doutora Maria da Glória Garcia,

Senhor Professor Doutor Manuel Braga da Cruz,
Senhor Diretor do Instituto de Estudos Políticos, caro amigo Professor João Carlos Espada,
Senhor Diretor do Conselho Estratégico do IEP-UCP, Doutor Pedro Norton,
Senhora Diretora do Estoril Political Fórum, Dra. Rita Seabra Brito
Estimados professores e alunos do IEP

Levo cinco anos como Presidente de Câmara.

Tempo mais do que suficiente para se instituírem algumas tradições saudáveis nos meus mandatos.

Uma delas é estar no Estoril Political Fórum, no Hotel Palácio, a cada mês de junho. A outra é começar as minhas intervenções saudando a Dra. Maria de Jesus Barroso que, infelizmente, não se encontra entre nós. Há um vazio de uma grande senhora da Democracia portuguesa que não foi preenchido. Mas estando connosco a sua filha, Isabel Soares, mantenho essa tradição do cumprimento inicial que nos recorda Maria de Jesus Barroso.

É a sexta vez que estou na companhia desta grande família euro-atlântica do IEP.

Ousarei até dizer a família euro-atlântica-cascalense do IEP.

Por ironia do destino encontramos-nos numa altura em que é notória uma crise no seio da família euro-atlântica.

A América vive um período de polarização eleitoral absoluta e de radicalização democrática. E ninguém pode, com rigor, prever quem será investido no mês de janeiro ou como é que será a Casa Branca, a América e o mundo depois de Obama.

Do lado de cá do Atlântico, não sabemos se a partida do Reino Unido significará uma Europa mais protecionista, mais centralista e mais iliberal.

Não sabemos se, cruzando o Canal da Mancha, o genuíno euroceticismo britânico se transformará num antieuropeísmo primário, gasolina na fogueira dos populismos já alimentada pela imigração, pelo terrorismo e pelo desemprego, que feche ainda mais a Europa sobre si mesma.

Não sabemos se os partidos responsáveis pelas transições democráticas e pela construção europeia – o arco político que une liberais, conservadores, democratas-cristãos e socialistas democráticos – resistirão à investida dos demagogos e dos extremismos de sinais contrários.

Não sabemos, sequer, se a União sobreviverá à mais grave crise pós muro de Berlim.

Não sabemos muita coisa.

Por isso não podia desejar melhor altura para estar rodeado de cientistas políticos e especialistas em relações Internacionais.

Tenho a certeza de que aqui teremos oportunidade de debater tranquilamente diferentes

pontos de vista. E, assim o espero, encontrar respostas que iluminem um caminho de incertezas que está aberto à nossa frente.

Podemos começar a procurar essas respostas e essa luz nos exemplos do passado. Em exemplos como o de Maria de Jesus Barroso que hoje, justamente, lembramos nesta sessão.

Tal como disse no início da minha intervenção, este é o sexto Curso de Verão no meu currículo. É o primeiro em que sei que não terei o enorme privilégio de conversar com Maria de Jesus Barroso.

A sua partida está ainda fresca na nossa memória e nem doze meses volveram sobre a sua morte.

Mas o legado, o inabalável legado de valores que nos deixou, vive.

Voltar a essa fortaleza de princípios e ideais não é apenas uma opção. É uma necessidade democrática.

Cruzamos um tempo em que a nossa vida coletiva é governada pela incerteza e pela imoderação, aos quais não é alheia uma perigosa elasticidade de conceitos como liberdade, democracia e bem comum.

Do contacto pessoal, ou da marca que deixou no ambiente público, recordo em Maria de Jesus Barroso a sua nobreza de carácter, a naturalidade do seu humanismo, a força das suas convicções, a resistência perante a adversidade e o seu espírito livre e plural.

Maria Barroso, que queria ser atriz e acabou por ser política, foi sempre uma mulher à frente no seu tempo.

Moderna não no sentido estrito da palavra. Moderna porque a constância das suas convicções e a sua fé contrariaram frequentemente as modas passageiras. Iam contra o ar do tempo.

Não foi por acaso que há seis meses lhe dedicamos um auditório no Museu Casa das Histórias Paula Rego. Um local onde, por excelência, se debatem livremente ideias e opiniões contrárias.

As lutas por um país mais próspero, mais livre e mais solidário são uma causa de todos os tempos.

Lutas que Maria Barroso abraçou como suas. E que nós, aqui em Cascais, seguimos como inspiração.

Inspira-nos a sua ambição de uma sociedade com menos desigualdades, com menos injustiças e implacável para com todas as formas de exploração.

Inspira-nos a sua luminosa defesa e difusão dos direitos humanos onde quer que eles estivessem em risco.

Inspira-nos o seu caminho de conversão e a resistência à ideia jacobina de que o Estado Laico é um Estado onde a única fé que tem lugar, é fé no poder infalível e absoluto do próprio Estado. Maria de Jesus Barroso ajudou a esquerda democrática a redescobrir a compatibilidade e indispensabilidade da relação entre política e fé.

Inspira-nos não ter tido vergonha de falar de amor e de ter transformado esse amor, o amor ao próximo, ao nosso semelhante, numa virtude política e cívica.

Minhas senhoras e meus senhores,

Caras e caros alunos,

“A Democracia e os seus inimigos: novas ameaças, novas possibilidades” é o tema chapéu deste encontro.

Vivemos tempos difíceis. E ‘dificuldade’ é palavra que conhecemos bem aqui no Estoril. Estoril significa ‘casa’ para milhares de cidadãos europeus.

Aristocratas e homens humildes, gente de todas as classes e credos, que fugindo da escuridão da Guerra Civil de Espanha, da investida Nazi na Europa ou da Marcha de ocupação do Exército Vermelho, aqui encontraram um lugar para ficar, para viver e para construir em liberdade projetos de felicidade.

Foi nessas dificuldades históricas que o espírito do Estoril foi moldado.

Porque temos connosco a endurance da história, podemos dizer que mais do que as ameaças, devemos olhar para as oportunidades que este tempo nos traz.

Que todos tenhamos a capacidade de enfrentar essas ameaças sem dramatismos ou tremendismos. Eles não são, certamente, os melhores companheiros do bom julgamento.

Que todos tenhamos a capacidade de encontrar um chão comum de compromisso, porque ele é condição para a identificação das oportunidades, e para a concretização dessas oportunidades, onde quer que elas estejam.

O referendo da semana passada ficará registado como um dia triste para a Europa e para os europeus.

É sempre triste ver partir os amigos. Mas se optaram por partir, há que mantê-los sempre o mais perto possível.

O facto de os britânicos terem escolhido um caminho diferente do nosso não significa que tenhamos, daqui para a frente, de tratar de todos os assuntos com acrimónia e revanchismos inúteis.

2016 não é só o ano do Brexit.

É também o ano dos 630 anos do Tratado de Windsor, a mais antiga aliança do Mundo.

Como uma das mais antigas nações da Europa, já vimos muita água passar por baixo da ponte.

Já vivemos altos e baixos. Temos a experiência e o entendimento prospetivo do mundo.

É esse o capital que podemos emprestar à Europa e ao mundo, num momento em que tanto precisamos dele.